

DANIEL COSTA SIMÕES

PULSÃO DE MORTE: ASCETISMO

Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicologia Clínica:
Teoria Psicanalítica

Orientador: Pedro Luiz Ribeiro de Santi

COGEAE/ PUC- SP

2013

*"Alivio meu sofrer,
na prática compassiva,
de enxergar-me no outro.
Mas até que ponto,
poderia assim viver,
sem um “eu” para defender?"*

Daniel Simões

Palavras-chave: Ascetismo, Pulsão de morte, Freud, Nietzsche.

Resumo

O termo ascetismo (*askesis*) é originário da Grécia antiga, era usado para definir treinamento ou exercício, conceito um pouco diferente do uso moderno da palavra que é associada à renúncia, austeridade. Observa-se que diversas práticas filosóficas e religiosas ao longo da história buscaram através do que hoje se entende por ascetismo uma forma de apaziguar o sofrimento através de uma vida de renúncia ao prazer. A partir desta análise o trabalho pretende estabelecer uma ligação entre o conceito freudiano de pulsão de morte e a prática ascética, esclarecendo-os, para então realizar uma leitura psicanalítica do assunto.

Abstract

The term ascetism (*askesis*) comes from old Greece; it was used to define training or exercise, a concept a little different from the modern use of the word which is often related to resignation, austerity. It's visible that many different religious and philosophic practices into the history have been searching to reduce the suffering thought a life of absent from pleasure. From its analysis this work intends to establish a connection between the Freudian concept of death instinct and the ascetic practice, making it clear, to be able to make a psychoanalytical reading of the subject.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas e professores do COGEAE PUC-SP, pelos longos e não dogmáticos diálogos, que me enriqueceram intelectualmente.

Ao prof. Dr. Pedro Luiz Ribeiro de Santi, que do conto grego ao relato clínico, mostra grande articulação e conhecimento da teoria psicanalítica. Sobretudo, agradeço pela abertura em aceitar o tema proposto.

Aos meus pais e a minha companheira, Laura Mello.

A todos aqueles que se dedicam a transformar a experiência empírica em conhecimento científico, reconhecendo o papel construtivo de cada aspecto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – Lendo <i>Além do princípio do prazer</i> (1920).....	2
CAPÍTULO 2 – Ascetismo.....	10
2.1 - Perspectiva religiosa.....	10
2.2 – Perspectiva filosófica.....	17
CAPÍTULO 3 – Pulsão de Morte.....	24
3.1 – Intertextualidades.....	24
3.2 - Auto-erotismo.....	29
3.3 – Princípio de constância e Princípio de inércia.....	34
3.4 - <i>O mal-estar na civilização</i> (1929).....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

INTRODUÇÃO

O senso comum raramente iria discordar do aspecto hedonista do homem, como já pensaram os gregos na utilização do termo, o homem busca constante satisfação das suas vontades. Não negando esta colocação, Freud conceitualiza o *princípio de prazer* na elaboração da teoria psicanalítica.

No entanto, observa-se em diversas culturas certos fenômenos sociais que parecem ir à contramão dessa ideia - o asceta, o eremita, o sacerdote- quais seriam as motivações psíquicas que levam certas práticas filosóficas e religiosas a renunciar o prazer?

Este trabalho pretende fazer uma leitura do fenômeno do ascetismo sob a perspectiva freudiana da pulsão de morte, conceito polêmico, mas que parece essencial para entender o “desejo de não desejar”, discurso típico do asceta.

Em um primeiro momento, a leitura do texto freudiano de 1920, *Além do Princípio do Prazer* é imprescindível para levar em conta quais foram as problemáticas encontradas por Freud que o levaram a reestruturar sua até então teoria, incluindo a partir daí que chamou de *pulsão de morte*.

Após a leitura deste texto, uma apresentação delimitada do conceito de ascetismo é necessária. Para isso será introduzida a ideia de ascetismo no campo da religião através do cristianismo e do budismo, e posteriormente, apresentar uma visão da filosofia através da obra de Nietzsche.

Como forma de sintetizar as ideias apresentadas nos dois primeiros capítulos, o terceiro momento faz articulação com autores contemporâneos, analisando questões intertextuais da obra assim como as maneiras em que a pulsão pode ser entendida, sobretudo na interpretação de Jean Laplanche.

CAPÍTULO 1 – Lendo *Além do princípio do prazer* (1920)

Embora Freud seja conhecido como um autor de fácil e agradável leitura, o que lhe rendeu inclusive um prêmio Goethe de literatura em 1930, muitos de seus textos possuem um carácter muito mais nebuloso, paradoxal e de difícil compreensão, provavelmente devido à própria dificuldade que ele encontrou em falar de forma mais objetiva e científica sobre assuntos até então restritos a filósofos, artistas e místicos, mas que ele então quisera fazer de uma ciência da alma, de cura da psique humana a partir do que ele observava nos sintomas de seus próprios pacientes. *Além do princípio do prazer* (1920) é um desses textos controversos, o próprio autor quando escrevia, enviou uma carta à Ferenczi em 19 de Março de 1919, na qual afirma: “terminei um artigo forte de 26 páginas, intitulado: Espanca-se uma criança. Um outro com um título enigmático: Além do princípio do prazer, está em gestação” (Freud, 1919, apud Figueiredo, 1999, p.52)

Até aquele momento o conceito chave que sustentava o trabalho psicanalítico, ou seja, aquilo que faz acontecer e alimenta todo o processo psíquico é o do princípio do prazer. Resumidamente, o homem vive em busca de obter prazer a partir da descarga tensional (prazer), ou em contrapartida evitar esse acúmulo de tensão (desprazer), trabalhando assim de uma forma econômica. Esta conceptualização foi sendo trabalhada na obra freudiana primeiramente no texto *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), porém é em *Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental* (1911) que o autor chega a uma conclusão mais fundamentada sobre o assunto.

Freud encontrou sistemas psicológicos e filosóficos que já se baseavam sobre o mesmo princípio, dentre eles vale lembrar o trabalho do psicólogo/filósofo Gustav Theodor Fechner, pois Freud faz diversas menções durante a elaboração de seu texto, entre elas: “Não pode nos deixar indiferentes, entretanto, o fato de um pesquisador arguto como G. T. Fechner sustentar uma concepção de prazer e desprazer que coincide essencialmente

com a que nos impôs o trabalho psicanalítico” (FREUD, 2010, pg.163). O *princípio de constância* em Freud mostra-se equivalente à *tendência à estabilidade* apresentada por Fechner, os dois concordam ao afirmarem que o aparelho psíquico tende a estabilizar-se, a manter a excitação a mais baixa possível, pois o aumento ou variação dessas tensões já seria em si desprazerosa.

Apesar do *princípio do prazer* ser o combustível da psique humana, o mesmo é também freado pelo ambiente externo, ou seja, conclui-se que não se pode fazer tudo o que se deseja dentro do ambiente social, uma vez que isso pode ser repressor ao indivíduo dependendo de suas “vontades”. No texto, explica-se que o *princípio do prazer*, por uma conservação do EU passa a ser substituído pelo *princípio de realidade*, que sem se abster totalmente do prazer, busca um equilíbrio entre a satisfação e a renúncia a fim de manter-se para posteriormente chegar a um novo ao prazer. Essa renúncia é essencialmente desprazerosa, fruto de um processo de educação, aculturação que a meu ver nada mais é do que o processo de *Castração*.

O cenário pós-guerra em que a psicanálise se construiu trazia muitos questionamentos, sobretudo aos enfermos de *neurose traumática*; era um enigma o porquê dos sonhos desses combatentes fixarem o momento do trauma e quando despertados evitarem isso. Freud ao fazer tal indagação não acha imediata coerência, e diz:

“... para que os sonhos dos neuróticos traumáticos não nos façam duvidar da tendência realizadora de desejos do sonho, resta-nos a saída de que nesse estado a função do sonho, como tantas outras coisas, também é abalada ou desviada de seus propósitos, ou teríamos que lembrar as enigmáticas tendências masoquistas do Eu.” (FREUD, 2010, pg.170).

Posteriormente, ao observar a brincadeira de um bebê que consistia em lançar um objeto a distância e depois pega-lo de novo repetidamente, Freud faz uma analogia com o aparecimento e desaparecimento da mãe e questionou

como poderia uma brincadeira infantil colocar-se a favor do desprazer. Então concluiu que “a ausência da mãe tinha de ser encenada, como condição para o agradável reaparecimento, que seria o verdadeiro propósito do jogo.” (FREUD, 2010, pg.173). Tal episódio foi crucial para que fosse criado o conceito de *compulsão à repetição*.

Durante as primeiras intervenções psicanalíticas, acreditava-se que ao levar conteúdos inconscientes para o consciente, através da diminuição de resistências do analisando, os sintomas seriam então removidos. Porém com o decorrer da clínica isso se mostrou insustentável, justamente pelo fato de que o analisando não pode se lembrar de tudo aquilo já vivido e reprimido no inconsciente. Foi então que a análise buscava *repetir* o reprimido no momento, como uma forma do paciente reviver a experiência no presente, dessa vez buscando ir direto à fonte causadora do conflito.

Ao falar sobre a *compulsão à repetição*, Freud faz uma observação de como o *Eu* é ambíguo por colocar-se parte no *consciente* e parte no *pré-consciente*. O *Eu* consciente é motivo de resistência da lembrança de material reprimido (que causaria desprazer), enquanto o *Eu* pré-consciente busca na lembrança do reprimido a descarga pulsional (que causaria prazer). O que busca-se explicar com isso é que prazer para um sistema acaba sendo desprazer para outro, e a *compulsão à repetição* pode ser explicada por esse raciocínio. O indivíduo neurótico, com seu pessimismo, suas repetições, o constante pensamento de que nada dá certo é alguém que se encaixa nesse conceito. “Todas essas situações não desejadas e emoções dolorosas são repetidas pelo neurótico na transferência e revividas com grande habilidade”(FREUD, 2010, p.180). Após tais observações o *princípio do prazer* passa a ser colocado lado a lado com a *compulsão à repetição* na busca de um entendimento dos fatores que impulsionam a vida psíquica.

Ao falar sobre *consciente* no sentido metapsicológico até então concebido, define-se que ela é uma parte do conjunto que forma a psique humana, juntamente com o *pré-consciente* e o *inconsciente*. As experiências vividas pelo indivíduo, as sensações, memórias e vestígios não se apresentam

somente no campo da consciência, mas também podem estar nos campos do *inconsciente* e *pré-consciente*. Faz-se então a suposição de que a consciência surge no lugar do traço de lembrança, pois o sistema *consciente* diferenciando-se dos outros sistemas psíquicos, “desviaria” de certas excitações em uma proteção contra os estímulos.

Freud afirma que os processos psíquicos são atemporais, que não se pode ordená-los temporalmente, pois fazer isso de nada mudaria uma análise. Inclusive cita o trabalho do filósofo Immanuel Kant quanto a esta questão:

“A tese de Kant, segundo a qual o tempo e o espaço são formas necessárias de nosso pensamento, pode hoje ser submetida a uma discussão, devido a certos conhecimentos psicanalíticos” (FREUD, 2010, pg.190).

Na contemporaneidade se discute frequentemente a separação dos conceitos de *Infância* e *Infantil*, acredito que essa discussão é um bom exemplo para entender esta condição atemporal da psique. O infantil é algo que está sempre retornando, sempre de forma presente na psique adulta, apesar de os acontecimentos em si terem ocorrido no período que é chamado de infância. Nesse sentido infantil se caracteriza como uma realidade psíquica (atemporal) e a infância como uma realidade factual (temporal).

Como uma explicação sobre a formação dos *traumas*, cria-se uma analogia que considera que o *Eu* se coloca entre duas camadas: uma que é sensível aos estímulos internos e outra que é resistente aos estímulos externos. Os estímulos externos que conseguem atravessar as resistências são consequência do que se chama de *trauma*. A partir disso surge uma necessidade do aparelho psíquico controlar e ligar este estímulo para que possa eliminá-lo gerando prazer.

Baseando-se em conceitos trabalhados anteriormente por Breuer, acredita-se que a energia de investimento esteja separada em duas formas, a

que circula livremente entre os sistemas e a que fica parada dentro de cada sistema. Considerando em parte as teorias do choque usadas na época, explica-se que a ideia psicanalítica está mais ligada a uma ruptura de um sistema psíquico e não a um dano direto a ele. O *susto*, por exemplo, é caracterizado como uma “ausência de preparação para a angústia”, ou seja, para a ruptura inesperada de um sistema.

Voltando sobre o tema da *neurose traumática*, *Além do princípio do prazer* (1920) retoma a questão dos sonhos dos neuróticos que voltam regularmente ao momento de um acidente traumático, questionando novamente sobre como alguém produziria sonhos desse tipo, já que os sonhos são pensados como realizações de desejo. Então surge a hipótese que nesses casos o aparelho psíquico está sob domínio de outro princípio anterior ao prazer, que busca reviver a angústia que fora a causa do sintoma neurótico, cuja omissão fora a causa de desenvolver a neurose traumática.

Diferentemente dos sonhos de “punição” que são explicados pela substituição de um desejo reprimido pelo castigo, os sonhos dos neuróticos não se encaixam na mesma condição. Freud afirma que:

“Eles obedecem antes à *compulsão de repetição*, que na análise, de fato, é favorecida pelo desejo (encorajado pela “sugestão”) de evocar o que foi esquecido e reprimido...se existe um ‘além do princípio do prazer’ é coerente também admitir que houve uma época anterior à tendência dos sonhos em realizar desejos.” (FREUD, 2010, pg.196).

Conclui-se até esse momento que os sonhos traumáticos sob o domínio da *compulsão à repetição* buscam ligar-se nas impressões do trauma, também que a violência do trauma libera uma energia da qual o aparelho psíquico sem preparação para a *angústia* (susto) gera um efeito traumático no indivíduo.

Seguindo este raciocínio, entende-se que os chamados estímulos internos surgem do próprio corpo, do organismo, de excitações interiores

transmitidas do corpo para o aparelho psíquico, das quais a psicanálise se limita não tentando desvendar por quais caminhos se originam.

Separa-se o funcionamento mental em dois tipos de processo, primário e secundário, um que ocorre de forma inconsciente e outro que ocorre de forma consciente, respectivamente. “Portanto, é tarefa do processo secundário controlar ou ligar a excitação do aparelho psíquico, diz Freud: “...não em oposição ao princípio do prazer, é certo, mas de forma independente dele e sem consideração por ele, em parte”(FREUD, 2010, pg.199).

Em uma analogia da *compulsão da repetição* em relação à excitação do aparelho psíquico, Freud cita o exemplo de uma piada, que quando escutada pela segunda vez já não tem o mesmo efeito, ou como uma peça assistida pela segunda vez, pois a novidade sempre será a condição para se aproveitar alguma coisa, para o indivíduo que conseguiu passar as impressões do processo primário para o processo secundário. Assim como em uma brincadeira de repetição infantil, fica preso ao processo primário o analisando que repete e não elabora, não fazendo o ligamento que permite passar ao processo secundário.

Utilizando-se da biologia como base argumentativa, levanta-se a hipótese de que: “um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior” (FREUD, 2010, p.202) e que em diversos organismos observáveis na natureza encontra-se esta compulsão em repetir. Aqui entra uma primeira ideia de formação do *princípio de inércia*, pois se o instinto busca por voltar a esse estado inorgânico qual abandonou uma vez, busca então a não-vida que existiu antes da vida.

A partir desse ponto, cria-se primeiramente uma separação dentre os instintos, isto é, aos instintos sexuais que buscam a satisfação pulsional, daqueles que buscam um estado anterior e inorgânico da vida, os instintos de morte. Pulsões de morte a serviço do instintual e pulsões de vida a serviço do prazer, apresentando um caráter ambíguo da pulsão que foi desvendado através das neuroses.

Diante desse contexto das formas instintuais, Freud lança a hipótese de que o propósito de toda vida é a morte, primeiro procurando base na Biologia de diferentes autores, depois até mesmo na Filosofia. Busca em Goethe, a ideia de que a morte é vista como consequência direta da procriação; já quanto a esta separação instintual, vale destacar a citação à Schopenhauer "...para quem a morte é o autêntico resultado e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida"(FREUD, 2010, p.220). Na biologia, uma célula germinativa conserva sua energia para si de modo a cumprir sua função construtiva, isso é comparado ao narcisismo, onde o indivíduo não faz o investimento da libido em objetos, mas investe em si mesmo.

A análise do funcionamento sadomasoquista também é usada a fim de exemplificar a dualidade pulsional, pois a relação entre investimento de objeto/Eu presente nessa situação mostra claramente tal dualidade. Outro ponto, que remete ao pensamento oriental no próprio nome, o *princípio de nirvana* é também colocado como exemplo do conceito da *pulsão de morte*, partindo da ideia de que é uma tendência da vida psíquica aniquilar a tensão interna dos estímulos.

Já quanto aos instintos sexuais, tais comprovações não podem ser usadas a partir da mesma ótica, portanto resta considerar a oposição entre vida e morte como algo intrínseco, como os dois polos de uma mesma coisa. Especulações um tanto filosóficas, remetendo ao mito platônico da sexualidade, onde o instinto sexual é uma busca da vida animada em voltar ao estado inanimado perdido anteriormente. Freud encerra o texto considerando a grande utilidade que a biologia possui em exemplificar suas teses, e que apesar de mostra-se crítico à filosofia anteriormente, também acaba utilizando-a de forma aleatória em sua obra.

Conclui-se que essa busca do instinto visando restaurar um estado anterior, não esta diretamente e unicamente atendendo ao princípio do prazer. Recapitulando esse raciocínio:

“...uma das mais importantes funções do aparelho psíquico é ligar os impulsos instintuais que lhe chegam, substituir o processo primário nele dominante pelo processo secundário, transformar sua energia de investimento livre e móvel em investimento predominantemente parado”(FREUD, 2010, pg. 236).

Isso dá a entender que o princípio do prazer não é anulado por essa substituição de processo primário em secundário, e que permanece como função do princípio do prazer, manter baixa ou constante as excitações do aparelho psíquico. Sem dúvida a dualidade das pulsões deixa o pensamento freudiano mais rico e elaborado, porém cada hipótese também traz mais questões para serem discutidas.

CAPÍTULO 2 – Ascetismo

CAPÍTULO 2.1 – Perspectiva Religiosa

Morfologicamente, entende-se por ascetismo qualquer que seja a prática que visa desvalorizar os aspectos corpóreos e sensíveis da existência do homem, que busca na ascese uma transcendência, o ascender essencial da vida moral, através de práticas variadas de renúncia ao prazer.

Neste sentido, práticas ascéticas são facilmente observadas na história das religiões e filosofias: o jejum, a vida monástica, a castidade, entre outras formas, mostram-se presentes tanto nas culturas ocidentais quanto nas culturas orientais, cada uma da sua maneira vide as influências de seu tempo. O ascetismo então, não pode ser classificado por somente por um conjunto restrito de práticas, deve-se levar em consideração o contexto histórico que está inserido.

Dada a diversidade e riqueza cultural da humanidade, fica obviamente impossível colocar aqui todas as filosofias e religiões das quais eu posso indicar uma prática de ascetismo, acredito que diferentes análises futuras irão acontecer e colaborarão para um melhor entendimento dos meus argumentos. No entanto, escolhi dois diferentes pensamentos religiosos/filosóficos para comentar sobre a perspectiva ascética: o cristianismo e o budismo.

Acredito que essa escolha possa resumir uma ideia geral do pensamento ocidental em relação ao pensamento oriental, pois assim como o Budismo se subdividiu em diversas linhas mantendo certos princípios em comum, o mesmo fez o Cristianismo com toda sua pluralidade. Cada qual se limitando às condições geográficas de seu tempo e surgimento, o que gera certo contraste desses princípios, que somente com a posterior mescla intercultural subdividiram-se.

No mundo acadêmico os pensamentos oriental e ocidental são frequentemente separados, isso acontece especialmente pelo fato geográfico que fez as correntes do pensamento basear-se em conteúdos e autores distintos. Como se sabe, a Grécia é tida como berço da filosofia e consequentemente da ciência, na medida em que o oriente tomado pelo termo “orientalismo”, sempre misturou filosofia e religião se observado com crítica ocidental. Mas se por um lado os gregos questionavam os mitos da criação, os orientais também questionaram dogmas religiosos para formar as próprias filosofias.

O historicamente fundador do budismo, Sidarta Gautama, viveu na Ásia por volta do século V a.C., período em que o *bramismo*¹ dominava o subcontinente indiano, religião da qual ele se divergiu em certos aspectos. Baseando-se em um raciocínio filosófico, o budismo não apresenta nenhuma revelação divina na sua constituição, pois Sidarta teria chegado a suas conclusões por meio da reflexão. É isso que faz com que o budismo seja visto tanto como filosofia quanto religião, pois em sua forma arcaica apresenta uma visão de mundo, de forma racional apesar de metafísica.

Como dito, sem uma demarcada separação de filosofia e religião no caso do pensamento oriental, o budismo arcaico foi sendo modificado em sua essência ao longo da história e as ideias básicas incorporadas à rituais e tradições que tomaram características religiosas e ritualísticas. Assim formaram-se duas grandes escolas chamadas *Teravada* e *Maiana* como consequência da miscigenação cultural, porém, devo limitar-me aos conceitos básicos presentes em ambas as escolas para prosseguir este trabalho de forma consistente.

Acredita-se que Sidarta teria chegado a síntese de seu pensamento através das chamadas quatro grandes verdades, presentes em todas as tradições do budismo: o sofrimento é universal, o desejo é a causa do

¹ Bramanismo ou Brahmanismo é a antiga filosofia religiosa indiana que formou a espinha dorsal da cultura daquela civilização por milênios. Se estende de meados do segundo milênio a.C. até o início da era cristã. Persiste de forma modificada, sendo atualmente chamada de Hinduísmo.

sofrimento, o sofrimento pode ser evitado ao eliminar-se o desejo, seguir o caminho óctuplo elimina o desejo. Entende-se por caminho óctuplo um código de ética, ou seja, uma constituição moral de agir no mundo que consiste em: entendimento correto, pensamento correto, linguagem correta, ação correta, modo de vida correto, esforço correto, atenção plena correta, concentração correta. Apesar das diversas formas do budismo aceitaram o caminho óctuplo em sua formação, existem divergências quanto à interpretação dele, que acabam sendo traçadas pelos costumes de cada tempo.

Assunto central em sua filosofia, o budismo apresenta o desejo como motivo do sofrer humano, e diante disso propõe sua eliminação através de um “não apego”, um “não eu” como forma de não sofrer no mundo e atingir o chamado estado de *Nirvana*. É neste ponto que podem ser consideradas as práticas ascéticas do budismo, que das mais variadas formas entre a vida monástica, técnicas meditativas, prática da compaixão, yoga, etc., assumem esse papel negador da vontade. Não é em vão que a psicanálise usa o termo *princípio de nirvana* para definir:

“...denominação proposta por Barbara Low e retomada por Freud para designar a tendência do aparelho psíquico para levar a zero ou pelo menos reduzir o mais possível nele qualquer quantidade de excitação de origem externa ou interna.” (Laplanche e Pontalis, 2001, pg.363)

Se considerarmos que desejo é o que da possibilidade de constituir um sujeito, um não desejar implicaria na negação de si mesmo, e através dessa posição totalmente ascética e niilista fica implícito certo pessimismo budista, remetendo até mesmo a uma ideia suicida. Esse assunto é tratado nos contos religiosos da história de Sidarta, onde se acredita que ele teria praticado formas extremas de ascetismo que quase o levaram a morte, mas que depois as abandonou por perceber que poderiam leva-lo ao suicídio, em seguida o fez propor um caminho do meio, termo usado pelo budismo para definir equilíbrio.

Tratando-se agora de ocidente, considera-se como período Helenístico a época da cultura grega que teve início em torno de 300 a.C., em grande parte por influência do imperador Alexandre (O Grande), que sobre a região do Mediterrâneo Oriental e do Oriente Próximo havia expandido rapidamente seu império. A cidade de Alexandria nesse período foi o centro militar, cultural e linguístico desse império e tal crescimento favoreceu também uma miscigenação cultural entre os diversos povos conquistados pelo império, o que fez de Alexandria uma cidade cosmopolita, como idealizada pelo próprio imperador. Alexandre foi educado pelo filósofo Aristóteles, que possivelmente o influenciou muito nessas escolhas.

Devido a esse favorável cenário da época, conta-se que houveram grandes avanços nas diversas áreas do conhecimento, onde foi fundada neste período de grandes transformações culturais a famosa biblioteca de Alexandria, que segundo Marcondes:

“Durante os dois séculos seguintes, será o principal núcleo da ciência grega em suas áreas mais importantes, sendo que sua produção científica marcará toda a Antiguidade e o período Medieval até praticamente o início da ciência moderna no século XVI”. (Marcondes, 2005, p.85).

A filosofia da época teve caráter dogmático e doutrinário, tornando o pensamento muitas vezes repetitivo e reprodutor, o que obviamente vai contra a própria ideia da filosofia: argumentativa e dialética. Dentro dessas práticas se destacaram o estoicismo² e o epicurismo³, que compartilham ideias similares, divergindo-se somente em aspectos práticos. Para ambos a felicidade era

² O estoicismo é uma escola de filosofia helenística fundada em Atenas por Zenão de Cítio no início do século III a.C. Os estoicos ensinavam que as emoções destrutivas resultam de erros de julgamento, e que um sábio, ou pessoa com "perfeição moral e intelectual", não sofreria dessas emoções

³ Epicurismo é o sistema filosófico que prega a procura dos prazeres moderados para atingir um estado de tranquilidade e de libertação do medo, com a ausência de sofrimento corporal pelo conhecimento do funcionamento do mundo e da limitação dos desejos.

possível pela tranquilidade, moderação, do controle dos desejos, da apatia e do conhecimento racional do mundo.

É nesse sentido que traços ascéticos são vistos no estoicismo, como aponta Marcondes:

“Em virtude de sua tendência eclética, o estoicismo passa a se confundir em parte com o platonismo, embora a ética estoica tenha tido grande influência no desenvolvimento do cristianismo, dado seu caráter determinista e sua valorização do autocontrole, da submissão, e da austeridade” (MARCONDES, 2005, p.92)

O que fica exposto nesse sentido é que o estoicismo deixou suas marcas, pois o período helenístico teve seu fim com a chegada do cristianismo, que trouxe na Idade Média uma fase de destruição do pensamento pagão, incluindo nisso a marcante destruição da biblioteca de Alexandria. Apesar de o cristianismo ter tomado a frente como prática, fica clara a referência cultural que os estoicos deixaram como precedentes históricos.

Sendo o movimento religioso mais influente da história do ocidente nos últimos dois mil anos, o cristianismo constituiu muito da cultura e moral que hoje se observa, pois sempre coexistiu direta ou indiretamente com os fatores sociais, políticos e científicos da humanidade. Nesse contexto histórico, essa religião ramificou-se através de diversas reformas que resultaram em dois grupos: católicos e protestantes.

Cristo significa messias, pessoa consagrada, foi traduzida para o grego como *khristos* e para o latim como *christus*. Ao contrário do budismo, o cristianismo firmou-se como uma religião de origem divina, pois em sua mitologia seu fundador era o próprio filho de Deus, enviado como salvador e construtor da história junto com o homem. Ser cristão, portanto, seria engajar-se na obra de Cristo, tendo como base a fé em seus ensinamentos.

Inicialmente repudiada pelas autoridades e praticada sobre sigilo, a doutrina cristã se espalhou pela região do Mediterrâneo e chegou pouco a pouco no Império Romano, mas quando o imperador Constantino converteu-se, permitiu também a livre prática e ela começou a espalhar-se mais facilmente.

A doutrina do cristianismo baseia-se na crença de que todo o ser humano é eterno, a exemplo de Cristo, que ressuscitou após sua morte. A fé cristã ensina que a vida presente é uma caminhada e que a morte é uma passagem para uma vida eterna e feliz para todos os que seguirem os ensinamentos que Cristo deixou aos seus seguidores, que por sua vez, escreveram textos sagrados que serviram como a base das conseqüentes interpretações religiosas (Bíblia).

Os ensinamentos praticados pelo cristianismo constituem uma moral, que é resumidamente colocada em 10 mandamentos nos textos sagrados, dentre eles: Amar a Deus sobre todas as coisas, Não usar o Santo Nome de Deus em vão, Lembra-te do dia de Domingo para santificá-lo, Honrar pai e mãe, Não matarás, Guardar castidade nas palavras e nas obras, Não roubar, Não levantar falsos testemunhos, Guardar castidade nos pensamentos e nos desejos, Não cobiçar as coisas do próximo. O indivíduo que não se adequar aos mandamentos da moral cristã é considerado pecador, nesse sentido não haverá salvação, mas sim uma vida de sofrimento após a morte.

A teologia cristã ortodoxa alega que Jesus teria sofrido, morrido e ressuscitado para abrir o caminho para o céu aos humanos, sendo assim apresenta uma posição sofredora da vida como o objetivo da salvação. Dentro das instituições religiosas isso aparece muito acentuado em especial na formação de doutrinadores, em monastérios, aonde as restrições morais vão além dos mandamentos ao seguir determinadas interpretações bíblicas radicais. Dentro do contexto ortodoxo do cristianismo, mostra-se uma grande renúncia da sexualidade através do celibato, da vida simples e ritualizada observada nos monastérios. O asceta religioso está nesse sentido buscando na intensificada prática de suas renúncias inspiradas pela religião, sua ascese para a vida eterna e feliz prometida pela doutrina.

Essa moral cristã, portanto, implica em uma explícita renúncia de si e as excitações do indivíduo, pois todo aquele desejo que não se encaixa dentro desta moral é tomado como demoníaco, incorreto e pecador. A religião assume um papel repressor das pulsões individuais humanas.

Ao fazer uma síntese das duas grandes escolas religiosas, fica claro que existem aspectos muitos similares e que a posição do asceta religioso em negar as excitações do corpo está intimamente ligada ao que Freud denominou com *Pulsão de Morte*. Porém a maneira como cada pensamento criou esse sentido me parece diferente.

No caso do Budismo essa negação do desejo surge a partir de uma observação propriamente filosófica, onde se entende que o desejar nem sempre é satisfeito, e jamais cessa. Já no caso do cristianismo a renúncia ocorre por via da moral, onde os dogmas religiosos fazem o asceta suprimir seu individualismo em nome da sustentação dessa moral.

Se em Freud o homem biológico e psíquico vive sobre o princípio de obter prazer, qual seria o sentido de buscar na renúncia do mesmo alguma forma de satisfação? Parece-me interessante analisar a posição niilista do mundo que a filosofia nietzschiana faz, em especial sobre o cristianismo.

CAPÍTULO 2.2 – Perspectiva Filosófica

Devo recorrer à Filosofia para apresentar o ascetismo de forma mais discutível e abrangente, sobretudo, para dar oportunidade de diálogo com o pensamento psicanalítico, por isso recorro-me à Friedrich Nietzsche (1844-1900), grande pensador do final do século XIX cuja obra continua sendo utilizada com grande crítica na modernidade. Apesar de viver em época semelhante à Freud, os autores jamais mostraram direta influência, porém Nietzsche apresenta uma filosofia de caráter muito semelhante à psicanálise, e por isso acredito ser de grande utilidade usá-lo como referência neste trabalho.

Freud por sua vez, fez críticas ao perfil especulativo da filosofia, inclusive chega a citar sua abstinência da leitura de Nietzsche, justificando-se: “...o enorme prazer da leitura das obras de Nietzsche, com o propósito deliberado de não prejudicar, com qualquer espécie de ideias antecipatórias, a elaboração das impressões recebidas na psicanálise.” (Freud, 1914, p.26)

O pensamento de Nietzsche é desconstrutivo e muito crítico a toda história da filosofia até então, para ele, o pensamento socrático/platônico que apostava na dialética da razão era tão ilusório quanto ao cristianismo, em outras palavras, dizia que o cristianismo é uma espécie de platonismo para o povo. Por outro lado, especialmente na primeira fase de sua obra, admirava o pensamento pré-socrático que antecede a história da filosofia, onde se buscava na arte e no mito uma interpretação da vida.

Muito repudiado em sua época, especialmente por ter anunciado “a morte de Deus” no desenvolver de seu pensamento, fora muitas vezes mal interpretado e criticado pela falta de imparcialidade de suas observações. Nesse contexto, Oswaldo Giacóia, estudioso brasileiro da obra de Nietzsche comenta essa fato:

“O anúncio, por Nietzsche, da morte de Deus significa o fim do modo tipicamente metafísico de pensar, na medida em que, para ele, o cristianismo, tanto como religião quanto como doutrina moral, constitui uma versão vulgarizada do platonismo, adaptada às necessidades e anseios de amplas massas populares” (Giacóia, 2000, p.15)

Em 1887 Nietzsche escreve o livro “A Genealogia da Moral” como um complemento a uma obra anterior chamada “Para além de bem e mal” baseando-se nos conceitos dessa para continuar suas articulações. O filósofo também era filólogo⁴ e por isso um grande questionador, sendo assim, motivou-se em estudar de onde vieram os conceitos de bem e de mal presentes na sociedade, perguntando quais são os valores que formam os valores.

Na primeira parte da obra analisa a oposição entre “bom e mau” e “bom e ruim”, e a partir da perspectiva histórica conclui que existem duas morais criadas pelo homem das quais classificou como a Moral dos senhores e a Moral dos fracos. Historicamente, constatou que a palavra “bom” tinha como antônimo a palavra “ruim”, e que a oposição de “bom” como “mau” ocorreu posteriormente a partir de uma formação dos valores morais, esses, que são totalmente relativos. Vale lembrar aqui outra observação contemporânea em relação à psicanálise:

“Nas três dissertações que compõem esse livro polêmico, a gênese da moral ocidental é enfocada de perspectivas distintas. Nelas Nietzsche antecipa muitas das mais importantes conquistas teóricas da psicanálise de Freud, especialmente quando descreve a genealogia da consciência moral.” (Giacóia, 2000, p.42)

A Moral dos senhores consiste naquela que afirma que os senhores (chefes, donos) são “bons” porque estão em posição hierárquica privilegiada, e

⁴ Filologia é o estudo da linguagem em fontes históricas escritas, é uma combinação de estudos literários, história e linguística

então, todo aquele está em posição inferior sob subordinação é considerado “mau”. A Moral dos fracos por outro lado surgiu a partir do ressentimento, pois os fracos (plebeus, subordinados) seria bom justamente por estar em posição de sofrimento em comparação ao outro, portando tudo aquilo “não-eu” é considerado mau. A questão da moral dos fracos acaba sendo o “gancho” para que se possa explicar sobre o que significam os ideais acéticos na continuidade da obra.

O último capítulo de *Genealogia da moral* (1887) faz a crítica ao ascetismo, comentando primeiramente sobre a visão do artista, utilizando o pensamento de Kant, onde a contemplação estética é definida como uma experiência “sem interesse”. Esse sentido kantiano de “belo” mostra-se ascético, justamente pela posição passiva que se coloca o “contemplador” diante do objeto.

De forma poética, Nietzsche fala também do ascetismo na visão dos filósofos, que na busca da liberdade se encontram com a posição ascética, de forma a evitar qualquer perturbação acabam por isolar-se, em especial por considerar a humildade, pobreza e castidade nessa negação da vida. Ainda nesse contexto, fala sobre a imagem social criada pela asceta filósofo “... o ideal ascético serviu ao filósofo como forma de aparecer, como condição de existência – ele tinha de representá-lo para poder ser filósofo, tinha de crer nele para poder representa-lo.” (Nietzsche, 2009, p.97).

Ao falar em ascetismo nesse trabalho deve considerar-se um conjunto de práticas que visam essa renúncia da vida, não em relação direta à morte, mas em uma renúncia às seduções e ao prazer. O niilismo é outro termo intrinsecamente ligado, considerando aqui não o conjunto de práticas específicas, mas a própria aspiração ao nada é o que define o niilismo. Nietzsche considera o homem essencialmente um niilista, mas que exerce isso de diferentes formas, como pretendo descrever a seguir.

O autor é grande crítico do cristianismo, ao comentar sobre a posição do sacerdote ascético pressupõe o primeiro tipo, um chamado niilismo passivo:

renuncia-se a vida presente em nome de um paraíso, da vida após a morte, da salvação eterna. Comentando essa forma de niilismo de caráter religioso, ele descreve “... o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desdenhar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta” (Nietzsche, 2009, p.98).

A posição ascética/sacerdotal é facilmente observada na vida monástica, acredito que não só cristã, mas em qualquer outra que faça da vida após a morte um ideal de salvação, uma promessa. Não se limitando a crítica da religiosidade cristã ocidental, o autor também faz crítica à filosofia oriental, que nega o corpo e a si considerando o “eu” como uma ilusão a ser destruída.

Em minha leitura, Nietzsche tem uma visão extremamente freudiana da religião, se comparado ao que Freud articula no texto *O futuro de uma ilusão* (1914). A ideia de que é usada como um artifício para o alívio e justificação do sofrimento é encontrada ao filósofo dizer: “O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado...” (Nietzsche, 2009, p.111). No texto de 1911, *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, texto que inseriu o princípio de prazer na obra, Freud afirma:

“A doutrina da recompensa noutra vida pela renúncia — voluntária ou forçada — dos prazeres terrenos nada mais é que uma projeção mítica desta revolução na mente. Seguindo constantemente neste sentido, as religiões puderam efetuar uma renúncia completa do prazer na vida, adiante a promessa de compensação numa existência futura; mas não realizaram, por este meio, uma conquista do princípio de prazer.” (Freud, 1911, p.109)

Contra a ideia positivista de que a ciência surge para o progresso do homem, Nietzsche aponta para outra forma de niilismo, o qual chamarei de

reativo: nesse sentido, acredita-se que a ciência ao utilizar de seu método e observação, e sobretudo da razão, é capaz de criar um futuro melhor.

Aos olhos do autor isso é tão enganoso quanto o pensamento religioso, apesar de a abordagem ser diferente, conferindo isso ao dizer:

“... esta ciência moderna que, como verdadeira filosofia da realidade, evidentemente crê apenas em si mesma, evidentemente possui a coragem, a vontade de ser ela mesma, e até agora se saiu bastante bem sem Deus, sem além e sem virtudes negadoras”
(Nietzsche, 2009, p. 127).

Porém, acusa a ciência de não escapar de uma fé, de uma crença nela mesma para que possa sustentar-se diante das próprias comprovações, e esta fé em si mesma, de um futuro promissor, é o que lhe faz ser niilista. Em uma crítica sobre essa posição comenta: “Não existe a rigor, uma ciência sem pressupostos, o pensamento de tal ciência é impensável, paralógico: deve haver antes uma filosofia, uma fé, para que a ciência dela extraia uma direção, um sentido, um limite, um método” (NIETZSCHE, 2009, p. 130).

Se a religião e a ciência, os pilares e sustentadores de um sentido da vida, acabam sendo considerados por Nietzsche como um negar a vida, o que sobra para acreditar? Um niilismo pessimista - Aqui não se nega em nome do paraíso ou do futuro promissor científico, em contrapartida, existe uma grande decepção com a falta de sentido que é a vida, deparando-se com um extremo pessimismo. O autor propõe, mais especificamente em outra obra, “Assim falou Zaratustra”, a ideia de um “super-homem” como uma forma de niilismo ativo, que nega religião e ciência sem deixar levar-se pelo pessimismo, aceitando a falta de sentido da vida de forma a superá-la continuamente. Trata-se de um além do homem, além do homem do ressentimento.

Apesar do pensamento do filósofo ter mudado no decorrer da obra, ele começou de uma perspectiva romântica, dada suas poucas influências, como comenta Giacóia:

“Tomando Wagner e Schopenhauer como seus aliados, Nietzsche empreende uma crítica radical das tendências culturais dominantes em seu tempo, caracterizadas por uma confiança ingênua nas ideias de evolução e progresso lógico ou natural, no curso dos quais a humanidade teria alcançado um estágio de desenvolvimento em que estaria em condições de, humanizando a natureza e racionalizando a sociedade, aproximar-se do ideal da felicidade universal.” (Giacóia, 2000, p.19).

Arthur Schopenhauer, clara influência de Nietzsche, é um filósofo que não deve passar em branco nos assuntos aqui discutidos, sobretudo em relação ao próprio pensamento psicanalítico. A filosofia schopenhauriana tem sua gênese publicada na obra “O mundo como vontade e representação” onde se apresenta a ideia de que o universo e o homem são movidos pela vontade, uma força incontável da qual não se escapa. Nesse sentido a metafísica da vontade é extremamente pessimista, pois como afirma o tradutor de Schopenhauer, Jair Barboza:

“E mesmo que os desejos sejam satisfeitos e levem ao alívio do sofrer, contra cada desejo satisfeito existem dez que não são, e o desejo satisfeito sempre volta ao fim da fila, exigindo nova satisfação, com a ilusão que se renova” (Barboza, 2005, p.9).

Seguindo tal pensamento, Schopenhauer coloca depois da arte e da compaixão, a prática ascética, de renúncia da vontade como condição do alívio do sofrer humano. O filósofo também faz diversas menções ao pensamento oriental: Schopenhauer foi um dos primeiros pensadores ocidentais de sua época a ter acesso à traduzida literatura filosófica/religiosa do oriente, não negando elogios ao budismo e aos textos *Upanixades*⁵. Em breve observação acredito que a ideia de desejo como causador de sofrimento

⁵ Os Upanixades são parte das escrituras hindus, que discutem principalmente meditação e filosofia, e que são consideradas pela maioria das escolas do hinduísmo como instruções religiosas.

que o budismo apresentou a milênios, é muitíssimo comparável ao pensamento de Schopenhauer e em seguida à própria psicanálise. Cada um adequou-se ao seu tempo e ambiente, fazendo desta ideia religião, filosofia e ciência, mas acredito ser inegável observar tais fatos sem fazer uma comparação.

Nietzsche mesmo sendo crítico a toda a história da filosofia, não dando continuidade a nenhum autor, partindo de sua própria crítica, mostra-se inicialmente grande apreciador de Schopenhauer, inclusive escrevendo um texto chamado *Schopenhauer Educador* (1874). Mesmo equivalendo-se em muitas de suas ideias, existe um ponto de separação entre os dois que é justamente quanto à ideia do niilismo. Sua obra abandona a perspectiva romântica, pois acabou modificando-se com o tempo, gerando essa separação que segundo Giacóia:

“Se, para o jovem Nietzsche, era a arte — e não a ciência ou a moralidade — o que constituía a atividade verdadeiramente metafísica do homem, permitindo a ele aproximar-se da dimensão "essencial" da existência, em Humano, Demasiado Humano ela é destituída desse privilégio.”(Giacóia,2000, p.28)

Schopenhauer ao declarar a negação da vontade como um caminho do não sofrer, negava assim a vida em direção ao nada, à morte, algo muito parecido com o que Nietzsche diz sobre o niilismo, muito presente em outros pensadores de sua época. Nesse contexto acaba criticando dois de seus influenciadores, Richard Wagner por sujeitar-se a um ascetismo cristão totalmente moralizado, e Schopenhauer por esse pessimismo metafísico de caráter oriental.

O *super-homem* de Nietzsche mostra-se contra essa negação total da vida ao colocar-se como um senhor de si, que aceita a falta de sentido da vida sem precisar negá-la. Chega até mesmo a fazer relação entre os dois, comentando sobre Wagner: “... tomou o filósofo Schopenhauer quando o tempo era chegado, com sua anteguarda, sua proteção - quem poderia sequer imaginar que ele teria a coragem para um ideal ascético, sem o amparo que a filosofia de Schopenhauer lhe ofereceu...” (Nietzsche, 2009, p.84).

CAPÍTULO 3 – Pulsão de Morte

CAPÍTULO 3.1 – Intertextualidades

A psicanálise procurou formular os caminhos da sexualidade humana a partir dos próprios passos e investigações, não empregando uma simples explicação hedonista para tratar da teorização das pulsões. O texto freudiano *Três ensaios sobre a sexualidade (1905)* é reconhecido como o grande inovador e introdutor do conceito da sexualidade, porém, sofreu uma constante transformação no decorrer da obra, como aponta Laplanche:

“A importância que lhe atribui o autor se manifesta nos remanejamentos sucessivos que faz: edições em 1905, 1910, 1915, 1920, 1924-25, revistas, cada uma delas, nos mínimos detalhes da redação e da terminologia, com acréscimos que conservam o plano inicial, ao mesmo tempo em que deixam espaço as descobertas sucessivas.” (Laplanche, 1985, p.16).

Acredito que Freud, como um grande indagador, sentiu-se obrigado a reformular sua teoria pulsional em 1920, uma vez que existiam contradições evidentes nas suas observações, onde a até então explicação do princípio do prazer já não respondia alguns casos. Exemplo disso foi em relação à teoria da interpretação dos sonhos, pois passou a questionar os casos que reproduziam um momento traumático.

Como se sabe, as teses apresentadas pela psicanálise foram de início, amplamente rejeitadas no mundo acadêmico da época, seja pelo fator moral ao tocar em assuntos como a sexualidade infantil, ou técnica por Freud usar de experiências pessoais nas explicações de certos fenômenos. Nesse sentido, a psicanálise seria facilmente vítima de acusações de charlatanismo, caso Freud não tentasse achar soluções para alguns pontos paradoxais de sua obra. Mesmo assim continuou seu trabalho, formando alianças e também rupturas

com outros autores, mas mantendo constante reformulação teórica durante toda a vida.

Não há dúvidas de que ambiente da guerra deixou consequências traumáticas em toda humanidade, a barbárie levantou inúmeros questionamentos filosófico-científicos sobre a civilização, e a psicanálise não se colocou fora disso, vide os textos sociológicos freudianos que tiveram forte influência devido a este fato. Mas naquele momento foram as observações sobre os sonhos nos casos de *neurose traumática* (de guerra) que tiveram utilidade teórica na elaboração do conceito de *pulsão de morte*.

O trabalho de Freud ao apresentar a pulsão de morte em *Além do princípio do prazer* (1920) parece fruto de suas próprias ideias, dado como exemplifica suas observações, como por exemplo, ao explicar a brincadeira do *fort da* e seu significado. Como visto anteriormente, Freud dizia evitar usar muitos autores como forma a evitar confusões, e para assim fazer da psicanálise uma forma independente do saber. Entretanto, nos primórdios da teoria muitos autores influenciaram-se direta ou indiretamente, essas evidências são mostradas nas inúmeras referências que Freud faz em seus textos tanto aos parceiros da psicanálise quanto a de autores de outras áreas do conhecimento.

Tratando-se dessas similaridades conceituais, pode-se aproximar o trabalho de Freud com inúmeros outros pensadores da filosofia, psicologia, sociologia, etc. que trataram de assuntos em comum com a psicanálise. Um conhecedor das ideias de Rousseau, por exemplo, pode não encontrar nenhuma novidade nas afirmações psicanalíticas em relação ao contexto social e a repressão; ou mesmo um conhecedor de Schopenhauer, pode fazer uma leitura que coloque como equivalente a *vontade schopenhauriana*, e o conceito de *pulsão* freudiana. Com o cuidado de não cair em um simplismo, acredito ser necessária a leitura de outros trabalhos para discutir as origens e influências histórico-teóricas da psicanálise, e por este motivo não é minha intenção discutir senão como uma breve observação. Entendo assim, que devo recorrer

para uma análise contemporânea da pulsão de morte após Freud, para poder continuar a problemática levantada.

No contexto que cerca *Além do princípio do prazer* (1920), Figueiredo cita uma possível intertextualidade de conceitos, sobretudo em sua obra *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* (1999), na qual faz uma leitura comparativa com o texto ferencziano *Thalassa* (1924). Demonstra essa intertextualidade dizendo:

“Freud e seus discípulos ou seus colaboradores ou seus dissidentes hospedam-se, parasitam-se, estraçalham-se uns aos outros e embora haja “autores” e “obras” nominais, vão-se formando campos de nexos e rupturas que transcendem uma noção muito estrita de “obra” e de “autoria” (Figueiredo, 1999, p.126).

Seguindo as evidências de possíveis intertextualidades com outros autores da psicanálise, além do caso de Ferenczi, encontrei-me com a biografia de Sabina Spielrein, sobretudo pela grandiosa obra que a professora Renata Cromberg faz sobre a vida desta psicanalista, que como mostram as pesquisas de sua tese, ficou em grande parte “esquecida” dos círculos psicanalíticos posteriores. Cromberg aponta grande genialidade no trabalho de Spielrein, inclusive ao colocá-la como:

“...primeira, junto com Stekel, o que ela logo reconhece, a pensar e formular o componente destrutivo da pulsão e a presença de uma força além do princípio do prazer, que busca o desprazer, que seria nomeada posteriormente por Freud de masoquismo primário.”
(Cromberg, 2006, p.1)

Esta afirmação ocorre a partir de um texto escrito por Spielrein em 1911, chamado “Destruição como causa do devir” que parece antecipar ideias fundamentais sobre a pulsão de morte. A posição de Spielrein parece, na

verdade, mais filosófica do que biológica não só pelo fato de citar o termo “devir”, mas como de entender que a “Destruição como causa do devir” pode ser entendida como renovação, destruir o antigo para dar espaço ao novo: renovar. Elizabeth Roudinesco em seu dicionário de psicanálise também coloca Spielrein nessa posição inovadora : “Mais tarde, inventou a pulsão destrutiva e sádica, da qual nasceria a pulsão de morte” (Roudinesco, 2003, p.725)

Pulsão de morte entendida como destrutividade e agressividade: eis aqui uma trama de conceitos que separa muitos autores e gera diferentes interpretações. A meu ver, em grande parte devido a falta de esclarecimento da problemática sujeito-objeto, uma definição de onde a agressividade / destrutividade colocada é necessária para que não se crie um paradoxo.

Diversos psicanalistas continuam seguindo esta mesma suposição colocada por Spielrein, o trabalho de Melanie Klein é amplamente conhecido por apresentar esta perspectiva da destrutividade e agressividade. Figueiredo em crítica ao simplismo da pulsão de morte kleiniana, comenta uma possível causa dessa interpretação:

“É claro que já em Freud, em parte no próprio texto em exame, mas muito mais pronunciadamente em textos posteriores (O problema econômico do masoquismo [1924] e Mal-estar na cultura [1930]) uma certa equivalência estava sendo assumida sem, contudo, jamais resultar em uma equação simples. Apenas no texto póstumo, escrito nas vésperas da própria morte e deixado inacabado Esboço de psicanálise [1938], a equivalência parece ser exposta de uma forma menos problemática.” (Figueiredo, 1999, p.28).

Em outra linha de interpretação, da qual pretendo sustentar a maior parte de meus argumentos, está o trabalho do francês Jean Laplanche, que se dedicou em grande parte por trabalhar sobre esta questão do dualismo pulsional. Uma interpretação também considerada simplista por alguns autores, mas que a meu ver faz sentido em sua didática.

Laplanche interpreta a dualidade das *pulsões de vida e pulsões de morte* a partir de uma condição ligamento e desligamento da relação libido-objeto. Sendo assim, na analogia grega que se faz do assunto, *Eros* estaria à serviço do ligamento e *Tânatos* a serviço do desligamento. O autor sustenta suas ideias a partir dos princípios de constância e inércia dos quais irei retomar adiante. Para Laplanche, a pulsão de morte é a própria pulsão pura, a pulsão de vida já seria o resultado de ligação a objetos.

CAPÍTULO 3.2 – Auto-erotismo

É comum na atualidade ouvirmos que o texto de Freud poderia chamar-se “Aquém do princípio do prazer”, isso porque é associada por certos autores com a ideia de retorno, anterior a formação do sujeito psíquico. E esta é uma observação da qual se pretende trabalhar inicialmente.

Atravessando as raízes históricas e teóricas que fundaram conceito de *pulsão de morte* na psicanálise, devo articular com pensadores contemporâneos que analisam o conceito freudiano, em especial, para trazer um olhar crítico e entender as diferentes leituras que se faz sobre este mesmo assunto, devido a sua complexidade. É um tema abstrato, sem dúvida, mas também essencial uma vez que é o “combustível” que alimenta todo o funcionamento do aparelho psíquico, portanto, inegável de um olhar mais profundo, detalhado e sistematizado. A questão levantada sobre o ascetismo fez totalmente necessário recorrer ao estudo das *pulsões*, sobretudo da *pulsão de morte* como esta sendo trabalhada aqui.

A dualidade pulsional é uma característica determinante da psicanálise, e tais pares de opostos se mostram presentes em todo o vocabulário, seja nos pares sujeito-objeto, consciente-inconsciente, prazer-desprazer, pulsão de morte-pulsão de vida. A ruptura de Freud com Jung acontece em grande parte neste episódio, onde para Freud a energia da *pulsão de morte* não é libidinal, segundo Garcia-Roza:

“A aceitação de uma destrutividade autônoma, não derivada da sexualidade ou não ligada a ela, era de difícil aceitação por Freud. Além do mais, tal concepção aproximava perigosamente a teoria freudiana do monismo de Jung, sobretudo a partir do momento que ele (Freud) chega à conclusão de que as chamadas pulsões de autoconservação, que ele anteriormente identificara às pulsões de morte, não se opunham às pulsões sexuais.” (Garcia-Roza, 1999, p.132)

Dentro do campo teórico da psicanálise no Brasil, Garcia-Roza apresenta a *pulsão de morte* de forma extremamente elaborada em sua leitura, seguindo a ideia de que o aparelho psíquico está necessariamente a favor de uma ordem *consciente, pré-consciente e inconsciente*, aponta o autor:

“A pulsão ocupa outro lugar, situado além da ordem e da lei, além do inconsciente e da rede de significantes, além do princípio de prazer e seu sucedâneo, o princípio de realidade, além da linguagem: é o lugar do acaso” (Roza-Garcia, 2004, p.127).

O aparelho psíquico criado por Freud para entender o funcionamento mental é essencialmente heurístico, ou como ele próprio chamou: metapsicológico. Nesse sentido Freud não pretende que a metapsicologia nomeie o ser, é apenas um modelo teórico, os conceitos de *inconsciente, consciente e pré-consciente* assim como tantos outros são essencialmente didáticos para a interpretação da psique. A meu ver, para falar sobre processos mentais que não implicam necessariamente em uma observação físico-orgânica não há outra maneira senão “apelar” para a metapsicologia, ou então, limitar-se a análise do comportamento como fez a psicologia. Vale lembrar que Freud teve essa lição na França através de Charcot e seus experimentos com a hipnose sugestiva, apesar de a psicanálise ter tomado rumo próprio, acredito que essa herança perpetuou-se na elaboração e na didática da teoria do *inconsciente*. Nesse sentido metapsicológico a psicanálise parece se aproximar da filosofia, se considerarmos aqui o pensamento das filosofias metafísicas.

Em sua obra, Garcia-Roza alerta para uma comum confusão dos leitores freudianos entre a *pulsão* e o *Isso*. Para ele, o *Isso* é uma instância psíquica que se encaixa nessa proposta metapsicológica, enquanto que a *pulsão* é extra psíquica, em suas palavras:

“Sem dúvida alguma, o Isso é inconsciente – embora não seja o inconsciente – mas nem se confunde com este último, nem com as pulsões propriamente ditas. No entanto, um ponto é indiscutível para quem quer que tenha lido O Eu e o Isso: O isso é uma instância psíquica. A confusão tão comum entre o isso e as pulsões, decorre da imagem utilizada por Freud do Isso como o grande reservatório da libido” (Garcia-Roza, p128, 2004).

Esse entendimento faz necessária uma diferenciação entre fonte e reservatório, entendendo a libido como um conceito puramente energético, enquanto a pulsão entendida como um conceito dinâmico.

Para o pensamento de Lacan, a vida de todo indivíduo como sendo governada pelo princípio do prazer, pode ser entendida como uma busca de “objeto perdido”, ou seja, uma busca por aquilo que satisfaça totalmente a pulsão ou que ao menos se aproxime disso via representações. Isso se traduz pela procura em reestabelecer a relação mãe-bebê antes da travessia do complexo de Édipo, momento de total plenitude amorosa onde o bebê ainda não se reconhece em separado da mãe. Vale lembrar que nesse momento o princípio de prazer já está estabelecido por essa relação dualista mãe-bebê, diferentemente do auto-erotismo, onde ainda não há essa dualidade. Na analogia da filosofia kantiana em relação à psicanálise, Garcia-Roza comenta:

“Essa busca é governada pelo princípio do prazer, e como se exerce sobre as representações, fazendo com que a energia(Q’n) se transfira de representante para representante segundo os caminhos de facilitação, ficamos interminavelmente girando em torno de um centro que nunca é atingido e que Freud chama das Ding.” (Garcia-Roza, 2004,p.84)

Destaco este ponto da leitura onde o autor faz uma distinção entre o auto-erotismo e o “eu-prazer”, pois justamente neste ponto parece ser indispensável associá-la ao papel da busca do asceta como trabalhado no capítulo anterior. A pulsão de morte entendida como “um estado anterior de coisas”, “um retorno ao inorgânico” passa a fazer sentido a partir dessa leitura.

Além do princípio do prazer (1920) traz a concepção de que o *princípio de prazer* seria uma tendência a serviço de uma função, ou seja, a função de fazer que o aparelho psíquico esteja livre de excitações, o que traz por parte de Freud entender essa relação com a *pulsão de morte*.

Garcia-Roza aponta que a noção de auto-erotismo já é apresentada nos textos de Freud *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), *Pulsão e destinos das pulsões* (1915) e retomada posteriormente no artigo *A denegação* (1925). Afirma que: “O Real-Ich é um estado originário do psiquismo no qual ainda não há distinção entre o eu e o mundo exterior, e tampouco a oposição prazer-desprazer, pois o eu satisfaz as pulsões em si mesmo (auto-eroticamente)” (Garcia-Roza, 2004, p.91). Deve-se entender este *Real-Ich* não como uma instância psíquica (um eu originário), mas sim como a ausência de um “eu-prazer”, portanto um vazio.

Seguindo esta mesma característica auto-erótica, que satisfaz a pulsão em si, Figueiredo na comparação de *Thalassa* (1923) com *Além do princípio do prazer* (1920) comenta mais uma vez a intertextualidade do trabalho ferencziano que pode enriquecer esse entendimento:

“A restauração a um estado de coisas prévio, como sabemos, é um dos eixos fundamentais de *Além do princípio do prazer*, redigido entre 1919 e 1920 e publicado com a assinatura de Freud, mas, cabe recordar, este movimento regressivo é exatamente o que, antes de Freud, desde 1915, Ferenczi caracterizara como regressão Talássica”. (Figueiredo, p132, 1999).

Sendo assim a ideia aqui apresentada é de que o mundo exterior é indiferente no auto-erotismo, ou seja, ainda não foi estabelecida uma organização psíquica que possa trabalhar sobre a dualidade prazer-desprazer, o que faz esse estado primitivo ser autossuficiente eroticamente. O “eu-prazer” só é formado a partir do momento em que há uma distinção, feita por ligações

objetais, onde começa a perceber-se como distinto e a busca pelo objeto de satisfação tem seu início.

Acredito que esta tendência de um retorno a um estado originário do psiquismo como forma de livrar-se das excitações, tenha uma clara referência em casos extremos de psicopatologias como o autismo e a esquizofrenia. Esses quadros são comumente associados a uma desintegração ou não formação de uma instância egóica, como observamos aqui. Devo retomar este ponto mais adiante, e também relaciona-lo com a posição ascética.

CAPÍTULO 3.3 – Princípio de Constância e Princípio de Inércia

Segundo Laplanche há três formas de justificar o conceito de pulsão de morte de acordo com a leitura da obra freudiana: A primeira é justamente como trabalhada aqui na leitura de Garcia-Roza: sob a teoria do auto-erotismo, no pressuposto do narcisismo primário; já num segundo tempo é vista sobre o *princípio de constância* que busca manter as excitações do aparelho psíquico estáveis; e num terceiro ponto associado ao *princípio de inércia* que busca o aniquilamento das excitações.

Essa problemática mostra-se mais difícil na compreensão da segunda e terceira via como aponta o autor:

“Assim, os termos ‘zero’ e ‘constância’, que justamente pretendemos distinguir, são frequentemente apresentados por Freud como situados num ‘continuum’, seja estabelecendo entre eles uma vaga sinonímia, pronto a remeter à ‘psicofisiologia’ o cuidado de distingui-los mais nitidamente, seja apresentando a tendência à constância como um dos males menores à redução absoluta das tensões.” (Laplanche, 1985, p.115-116).

Freud buscou apoio através da explicação de um sistema homeostático, que explicava a relação constância X aniquilação, e justamente foi onde se encontrou com o pensamento de Fechner, psicólogo citado no primeiro capítulo. Porém, Freud recusa a totalidade da solução fechneriana, pois tem necessidade de dar uma lógica que explique a relação entre energia psíquica livre e energia psíquica ligada.

Naquele momento foi associada a inércia como um processo primário, mas o grande problema é que isso traz é que não seria possível a formação de um aparelho psíquico, já que tais excitações estariam primordialmente como

energia livre no processo inconsciente, primário. Somente na transposição para o processo secundário, é que tais excitações darão condição de formar um ego, destinado a moderar a psique.

Fica clara a continuidade dos conceitos de *inércia e constância*, pois o aparelho tende a eliminar as excitações da maneira mais eficaz possível, para assim evitar o desprazer do acúmulo. Mas a necessidade de “vida” do aparelho acaba por gerar um insucesso de levar essas excitações a um nível igual a zero, pois estaria em direção a morte. Sendo assim, procura manter as excitações no mais baixo possível.

Para afirmar esta interdependência, diz Laplanche:

“Assim, a lei de constância, mesmo não sendo explicitamente enunciada como princípio, corresponde exatamente à energia ligada ao processo secundário. Reconhecemo-la, precedentemente, como ligada ao aparecimento da instância do ego, forma investida num nível constante, destinada a reter, moderar, regular a circulação livre do desejo inconsciente, inibindo o reinvestimento alucinatório das representações ligadas às primeiras experiências de satisfação” (Laplanche, 1985, p.119)

Do ponto de vista da quietude, do isolamento e das renúncias pulsionais características do asceta oriental fica aqui uma interessante questão, pois sugere que diante de sua negação busque justamente este estado “não-eu” como apresentado aqui, um estado de auto-satisfação que não implica na formação do “eu-prazer”, onde se depende sempre de um objeto externo para a satisfação pulsional. Tal suposição faz sentido, em especial diante da leitura do *princípio de nirvana*, como define Laplanche, e todo seu caráter retroativo da psique e do comum discurso asceta da negação de si. Porém do ponto de vista da formação psíquica do sujeito isso se mostra fora de um contexto de normalidade, já que esse retorno total anularia a formação do aparato psi, e dentro das psicopatologias faz lembrar os fenômenos da psicose. É possível pensar na *constância*, pois há constituição de um *eu* (processo secundário), já no *nirvana* não.

CAPÍTULO 3.4 – O mal-estar na civilização

Para trabalhar o conceito de pulsão de morte, este trabalho procurou sustentar-se quase que exclusivamente na leitura do texto freudiano de 1920, sobretudo, para encaixar-se dentro de uma delimitação que pudesse ser mais detalhada, sem explicações simples ou generalistas. Mesmo assim vale dizer que a problemática das pulsões ganha grande destaque em obras posteriores que releem, reeditam e aperfeiçoam as hipóteses tão “enigmáticas” levantadas pelo texto de 1920. Uma década que trouxe a dualidade pulsional em um momento mais maduro da obra.

O Mal-estar na civilização (1929) é sem dúvida um texto que resume em grande parte o trabalho freudiano, e por encaixar-se dentro dos chamados textos sociológicos da psicanálise, é inclusive de fácil leitura se considerarmos a complexidade do tema. Acredito que o leitor leigo, acompanhado de um dicionário de psicanálise, é capaz de ler o texto com sucesso. Não é a vão que Freud ganhou o prêmio Goethe de literatura pela obra *Totem e tabu* (1914). A articulação com o texto sociológico permite observar as manifestações do assunto em relação aos fenômenos socioculturais.

Já no início de *O mal-estar na civilização* (1929) Freud cita Romain Rolland ⁶ através de um debate especulativo sobre o que o místico chamava de “sentimento oceânico”, uma sensação de plenitude que segundo ele (Rolland) seria algo acessível a todo ser humano independente da religião e fé. Nesse sentido este autor “lamenta” o fato de Freud ter entendido a religião puramente como ilusão no contexto de sua obra, sem considerar este suposto sentimento que estaria por trás do fenômeno religioso.

⁶ Romain Rolland (Clamecy, 29 de janeiro de 1866 — Vézelay, 30 de dezembro de 1944) foi um romancista, biógrafo e músico francês. Recebeu o Nobel de Literatura de 1915.

Freud mostra respeito ao colega, mas em contraponto ao “sentimento oceânico” apontado pelo escritor místico, deixa clara a dificuldade de trazer o assunto ao debate científico: “Eu próprio não consigo divisar em mim esse “sentimento oceânico”. Não é fácil trabalhar cientificamente os sentimentos. Pode-se tentar descrever os seus sinais fisiológicos.”(Freud, 2011, p.8)

Como já sugere a metáfora usada para definir o sentimento, o adjetivo oceânico faz relação à totalidade, comunhão com o exterior, trazendo a ideia de que o Eu psíquico estaria fundido ao todo exterior. Para a psicanálise esse estado tem caráter patológico, (exceto pelo *enamoramento* que apresenta fenômeno similar), segundo Freud: “A patologia nos apresenta um grande número de estados em que a delimitação do Eu ante o mundo externo se torna problemática, ou os limites são traçados incorretamente...” (Freud, 2011, p.9)

Considerando aqui o aspecto retroativo e de desligamento da pulsão de morte como trabalhada no capítulo anterior, esta passagem de O mal-estar na civilização ganha sentido. O sentimento apontado por Rolland da dissolução do sentimento do *Eu* tem uma explicação psicanalítica quando se considera a pulsão de morte como retorno ao inorgânico. Como visto, nos estados primitivos da psique ainda não há uma definida formação do *Eu*, sendo assim ainda não pode ser estabelecida a relação eu-outro. A descrição oceânica de plenitude ganha sentido.

As palavras de Rolland são fruto de especulação, mesmo que ele aponte sua experiência empírica nessa questão, limita-se na sua posição como poeta. Mas é de fato muito interessante Freud corresponder-se com o autor e dar espaço de diálogo com a psicanálise, ao invés de simplesmente ignorar a religião que foi alvo de crítica, tida como ilusão dentro da teoria psicanalítica. O diálogo mostra-se produtivo, porém, esta idéia de aniquilamento total do Eu traz a problemática psicopatológica, como o próprio Freud aponta no texto. Ainda nesse contexto de regressão à um estado primitivo, eu poderia citar novamente o trabalho de Ferenczi em *Thalassa* (1923), que por coincidência, também faz relação ao oceano na nomenclatura usada.

Para dar uma resposta psicanalítica ao “sentimento oceânico”, de acordo com o trabalhado aqui, Freud diz:

“É desse modo, então, que o Eu se desliga do mundo externo. Ou, mais corretamente: no início o Eu abarca tudo, depois separa de si um mundo externo. Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente – sim, todo-abrangente-, que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno” (Freud, 2011, p.11). ”.

Sendo assim, Freud trabalha na hipótese de que a experiência descrita por Rolland seria algo desse sentimento primitivo que permanecera na vida adulta. O fato de Freud ter dialogado com o escritor traz a questão sobre se este fenômeno pode ser tomado de forma independente à religião, e até mesmo se a institucionalização da religião tomou início a partir desse fenômeno psíquico. Mas deixa clara a impossibilidade de tratar de forma sustentável o assunto.

Diante do inescapável mal-estar, o texto aponta para diversos fenômenos em que o homem busca alternativas para escapar da angústia gerada pela *neurose fundamental*, que apesar das consequências deu condições para gerar o mundo civilizado. Religião e entorpecentes são críticas frequentes no texto, que continua tão atual na contemporaneidade - só incluiria nos dias de hoje as relações de consumo que parecem amplamente fazer esse papel de apaziguador.

No contexto dessas observações é que achamos equivalência à temática do ascetismo no texto. Neste trabalho, o ascetismo foi dividido pela visão religiosa e filosófica, as práticas são muitas e dependem da cultura em que se estabelecem, mas correspondem a este mesmo objetivo: a da renúncia ao prazer e consequente desvalorização do eu.

Em uma notável relação ao ascetismo, Freud cita:

“Um outro amigo, ao qual um insaciável afã de saber impeliu às mais incomuns experiências, terminando por transformá-lo num sabe-tudo, assegurou-me que nas práticas da ioga, com o afastar-se do mundo exterior, o fixar a atenção nas funções do corpo, com métodos especiais de respiração, pode-se realmente despertar em si novas sensações e sentimentos de universalidade, que ele apreende como regressões a estados arcaicos da vida psíquica, há muito tempo cobertos.” (Freud, 2011, p.16)

Nesse discurso das práticas orientais de ascetismo, seu amigo lhe dá a mesma conclusão que ele mesmo havia chegado ao explicar o “sentimento oceânico” de Romain Rolland. A ideia de retroatividade psíquica à um não-eu é novamente colocada. Nas palavras de seu amigo, isto seria supostamente alcançável via práticas ascéticas que descrevera.

Logo, diante do problema psíquico que apresenta o ascetismo e toda sua negação de vida, Freud aponta para o lado insustentável que o ascetismo oriental (budista) se coloca ao pregar o *nirvana*. Para ele,

“Esse tipo de defesa contra o sofrimento já não lida com o aparelho sensorial; busca dominar as fontes internas das necessidades. De modo extremo isso ocorre ao se liquidar os instintos, como prega a sabedoria do Oriente e como praticam os iogues. Tendo-se conseguido isso, também qualquer outra atividade foi abandonada (e a vida, sacrificada), e novamente se adquiriu por outro meio, apenas a felicidade da quietude” (Freud, 2011, p.23)

O típico isolamento que se observa em práticas ascéticas também é colocado como consequência do mal-estar, onde busca-se no silêncio evitar o desprazer que as relações humanas podem causar. Freud comenta este fenômeno:

“O deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas. Compreende-se: a felicidade que se pode alcançar por esta via é a da quietude. Contra o temido mundo externo o indivíduo só pode se defender por algum tipo de distanciamento, querendo realizar sozinho esta tarefa.”(Freud, 2011, p.21)

A tarefa que se dedica o asceta oriental em eliminar o *Eu* parece insustentável se observado a partir da teoria psicanalítica. Por outro lado, há certa lógica nesse pensamento que pode ser explicado pelo *princípio de inércia* onde o aparelho psíquico busca aniquilar as excitações que geram desprazer. Não é a toa que Freud também nomeia este como *princípio de nirvana*, dada a referência ao termo oriental. Se entendermos como pretexto filosófico que desejar é viver, o *nirvana* (excitações=0) conduziria inevitavelmente a morte, tanto psíquica quanto física.

Devido a este trabalho ter separado o ascetismo religioso (budismo e cristianismo), gostaria de trazer agora aspectos que remetem às práticas ascéticas cristãs uma vez que o enfoque budista já foi dado.

O sentimento amoroso não precisa necessariamente estar atrelado à religião, pode ser entendido pela psicanálise como ligações afetivas que geram o prazer. A grande diferença é que o amor está a serviço de *Eros*, e portanto não mais em função das *pulsões de morte* de desligamento e afastamento do mundo.

Sendo assim o mandamento cristão de “amai o próximo como a si mesmo” a princípio não traz as características de negação do asceta, por outro lado também encontra-se com uma certa dissolução do *Eu*, nas palavras de Freud:

“O lado frágil dessa técnica de vida é patente; senão, a ninguém ocorreria abandonar esse caminho por outro. Nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor” (Freud, 2011, p.27).

De modo geral, conclui-se *que O mal-estar na civilização* (1929) aponta para as três fontes de origem do desprazer humano: o corpo, o psíquico e o social. O texto mostra-se extremamente articulável com a problemática do ascetismo, nos possíveis apaziguamentos do sofrimento humano, Freud aponta fenômenos em que a figura do asceta pode ser entendida pela *pulsão de morte*. Um texto de caráter sociológico, mas fundamental no entendimento da teoria psicanalítica.

Se tomarmos mais uma vez a filosofia de Nietzsche como apoio, em especial para fazer referência ao ascetismo, ficam aqui as palavras do filósofo na conclusão da obra *Genealogia da Moral* (1887):

“... tudo isto significa, ousemos compreendê-lo, uma *vontade de nada*, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida, mas é e continua sendo uma *vontade!*... E para repetir em conclusão o que afirmei no início: o homem preferirá ainda *querer o nada a nada querer...*” (Nietzsche, 2009, p.140).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer que seja a prática ascética é inegável a qualquer observador imparcial perguntar quais as motivações que levam certos indivíduos a renunciar o prazer.

Uma explicação generalista do ascetismo como consequência da moral religiosa pode ser insuficiente. Como se concluiu aqui, os ideais ascéticos podem ter motivações muito distintas: no caso do cristianismo renuncia-se o prazer presente em nome de um paraíso *post-mortem*, já no quanto ao budismo nega-se o desejo por entendê-lo como causa do sofrer no presente.

O trabalho de Freud na elaboração da *pulsão de morte* mostrou-se amplamente dialogável diante desse aspecto negativo, desligado e indiferente do asceta. A psicanálise como ciência pode trazer uma instrumentação teórica amplamente fundamentada para explicar este fenômeno, através das explicações sobre o *auto-erotismo*, *princípio de inércia* e *princípio de constância*.

A leitura complementar de autores contemporâneos e comentadores enriqueceu o trabalho, seja no nível das intertextualidades ou daqueles que contribuem para o próprio entendimento dos textos de Freud. Porém, devo alertar mais uma vez a subjetividade do tema, que coloca muitas vezes autores em posições distintas. Uma delimitação de corrente de pensamento foi necessária para não causar confusões ou contradições.

O diálogo acerca de *Além do Princípio do Prazer* (1920) tomou grande parte da discussão justamente pelo fato de introduzir a *pulsão de morte* na obra freudiana, mas é na relação final que se faz com *O Mal-estar na Civilização* (1929) que se chega às conclusões mais objetivas sobre as motivações ascéticas.

O trabalho acerca do ascetismo pode ser aprofundado das mais diversas maneiras, muitas das quais fogem da delimitação proposta nesse trabalho; porém, acredito que análises futuras serão bem vindas para continuar esta discussão no âmbito acadêmico.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CROMBERG, R. (2009). *As origens do conceito de pulsão de morte: introdução à obra de Sabina Spielrein*. Texto faz parte de um projeto de pós-graduação no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Renata_Udler_Cromberg.pdf, Acesso em: julho de 2013.

FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Obras completas volume 14. In: FREUD, S. *Além do princípio do prazer (1920)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. P.162-239

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

GIACÓIA JÚNIOR, Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 2000.

LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. Trad. De Cleonice Paes Barreto e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

LAPLANCHE, Jean. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins fontes, 2001.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROUDINESCO, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: UNESP, 2005.